



Recebido em 12/02/2021

Aceito em 21/05/2021

DOI: 10.26512/emtempos.v1i38.35321

## NOTAS DE PESQUISA

# Memórias da repressão do governo revolucionário a homossexuais em Cuba: um estudo dos testemunhos de ex-umapianos (2007-2019)

Memories of the repressions from the revolutionary  
government against homosexuals in Cuba:  
a study of the testimonies from former UMAP inmates  
(2007-2019)

***Amanda Aparecida Gomes Rodrigues***

Graduanda em História na UFU – *Campus Pontal*

[orcid.org/0000-0002-3169-6333](https://orcid.org/0000-0002-3169-6333)

[amandagomes324@gmail.com](mailto:amandagomes324@gmail.com)

**RESUMO:** Na década de 1960 funcionaram em Cuba as Unidades Militares de Ajuda à Produção (UMAPs). Oficialmente, essas unidades eram centros de trabalho agrícola cujo objetivo era recrutar jovens que não eram considerados capacitados para o serviço militar. No entanto durante o período de funcionamento dessas unidades surgiram denúncias de que as UMAPs estariam funcionando como prisões para os sexualmente desviados, grupos religiosos, hippies, e para presos políticos. Nesse sentido, este trabalho analisa testemunhos de ex-umapianos, no período compreendido entre 2007 e 2019, acerca das experiências de homossexuais que foram confinados nas UMAPs e sofreram com a repressão praticada pelo governo revolucionário. Para isso, são analisados artigos de opinião e notícias veiculadas em blogs de dissidentes cubanos e em jornais on-line, com ênfase para as memórias subalternas e suas formas de emersão em meio às disputas de poder.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revolução Cubana. UMAPs. Repressão.

**ABSTRACT:** In the 1960s the Military Units to Aid Production (UMAPs) were held in Cuba. Officially, these units were centers for agricultural labor whose goal was to recruit youngsters who were not considered suited for military service. However, during the period in which these units were taking place, there were accusations that the UMAPs were working as prisons for the sexually diverted, religious groups, hippies, and political prisoners. In this sense, this paper analyzes testimonies from former UMAP inmates, from the period between 2007 and 2019, about the experiences of homosexuals who were imprisoned in UMAPs and suffered repression by the revolutionary government. For that, opinion articles and news publicized in Cuban dissidents' blogs and online newspapers, with emphasis on the subaltern memories and its ways for emersion amidst the power disputes.

**KEYWORDS:** Cuban Revolution. UMAPs. Repression.

## Introdução

No período de 1965 a 1968 funcionaram em Cuba as Unidades Militares de Ajuda à Produção (UMAPs). Oficialmente, essas unidades eram centros de trabalhos agrícolas, que tinham o objetivo de recrutar jovens que não estavam aptos ao serviço militar. Com a intensificação dos estereótipos de homem viril reforçados pelo ideal de “homem novo”<sup>1</sup> e com o governo cubano considerando todas as demais sexualidades em Cuba desviantes, instaura-se nesse período uma perseguição a pessoas que não se encaixavam no perfil de homem viril<sup>2</sup>. Já durante o período de funcionamento das UMAPs, entre 1965 e 1968, houve várias denúncias de que, para além do trabalho agrícola, as UMAPs estavam servindo de prisões para os sexualmente desviados, grupos religiosos, hippies, e para dissidentes políticos.

Décadas mais tarde, com o advento de uma blogosfera cubana independente, por meio da qual dissidentes cubanos manifestavam diferentes níveis de descontentamento com o governo revolucionário, discutindo tanto temas da atualidade política do país quanto acontecimentos do passado, criou-se um lugar privilegiado para a exposição de informações e pontos de vista que foram por muito tempo silenciados em virtude do controle da imprensa exercido pelo governo cubano. Desse modo, vários blogs tornaram-se espaços nos quais ex-umapianos e/ou seus familiares e amigos veiculavam testemunhos sobre as experiências vivenciadas e a repressão sofrida naqueles campos de trabalho forçado nos anos 1960, bem como sobre as lembranças traumáticas relacionadas a essas experiências.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é analisar os testemunhos de ex-umapianos, no período compreendido entre 2007 e 2019, acerca das experiências de homossexuais que foram confinados nas UMAPs (1965-1968) e sofreram com a repressão praticada pelo governo revolucionário. Pretende-se, desse modo, tratar o tema do ponto de vista das memórias subalternas, observando como o governo cubano se esforça para que essas memórias não se manifestem.

Diante das questões postas acima é necessário ressaltar que a produção historiográfica acerca das UMAPs ainda é muito escassa. Uma das razões para isso é que a exposição dessas memórias entra em conflito com o discurso oficial da Revolução. Outra razão para essa escassez seria porque as diversas obras que tratam de maneira ampla o processo revolucionário cubano tendem a priorizar os conflitos que Cuba teve em âmbito internacional, deixando de fora os embates internos.

Essas Unidades Militares de Ajuda a Produção (UMAPs), que foram o objeto de estudo desse artigo, eram centros de trabalhos agrícolas, criados pelo governo cubano

---

<sup>1</sup> Durante o processo revolucionário surgiu em Cuba o ideal de “homem novo”, que estava associado aos valores de honra, coragem e martírio, que compõem as representações sobre o guerrilheiro revolucionário. Aqueles que não se encaixavam nesse ideal de “homem novo” eram, muitas vezes, considerados pelo governo cubano como sexualmente desviados. Sobre esse assunto conferir o texto: (SANTOS. 2011).

<sup>2</sup> É importante ressaltar que as formas de preconceito sexual em Cuba não se manifestam apenas depois que a revolução se instaura. A cultura machista não surge em Cuba com o ideal de homem novo, pois anteriormente à formulação desse ideal já havia machismo e homofobia no país caribenho. O ideal de homem novo, teorizado por Che Guevara, vai intensificar esse estereótipo de homem másculo e viril.

em 1965 para recrutar jovens e velhos que, por possuírem algum “desvio” moral ou ideológico, não eram considerados capacitados para o serviço militar. Segundo Rickley Leandro Marques (2009), essas unidades foram organizadas pelo Ministério do Interior (Minint). Nelas, os internos tinham disciplinas militares e viviam uma rotina de trabalho e obediência, que tinha o intuito de impedir a fuga dos ex-internos. Para diferenciar os internos das UMAPs dos integrantes do exército verde-oliva, os umapianos usavam uniformes azuis.

As vozes dos grupos perseguidos e presos nas UMAPs, por muito tempo silenciadas, correram o risco de caírem no esquecimento. No entanto, graças ao depoimento de ex-umapianos, que conseguiram gravar ou publicar suas memórias, por meio de documentários, da internet, de blogs de dissidentes cubanos e por meio de livros de memórias produzidos por alguns autores, podemos nos aproximar do que foram essas unidades, como era seu funcionamento, e o que acontecia com os seus internos.

Marques (2009) ressalta que não era só pelo fato de o indivíduo ser exclusivamente homossexual, hippie, artista ou intelectual, que seria interno das UMAPs, e sim por manifestar descontentamento com o regime cubano ou demonstrar sua orientação sexual. A maneira de identificar esses “moralmente desviados”, era com base em estereótipos ou comportamentos considerados pelas autoridades como desviantes.

Para impedir que o jovem, ou velho, não apto a ajudar na revolução deixasse de prestar sua contribuição para o movimento e para a correção do comportamento considerado “ruim”, fora dos modelos baseados no ideal de “novo homem”, os internos ficavam nas UMAPs por um tempo que era estabelecido pela Segurança do Estado cubano. Esse tempo variava para cada interno, não sendo permitido receber visitas ou sair sem permissão.

Após as denúncias de abusos dentro dessas unidades e em razão de um número cada vez maior de internos fora da faixa etária de alistamentos, as UMAPs foram extintas em 1968. Contudo Marques ressalta que, mesmo sem as UMAPs, a perseguição e a “reeducação” continuam, agora sem o empecilho de idade e sem a utilização das Forças Armadas cubanas para esse fim.

Das diferentes perspectivas que poderiam ser aqui abordadas, optou-se por uma abordagem que combina elementos da História Cultural e da História Política, buscando-se enfatizar as relações entre história, memória e identidades. Essas abordagens são fundamentais tanto para a análise de distintos processos políticos no contexto da Revolução Cubana quanto para a compreensão dos modos como os sujeitos percebem e narram suas experiências, como constroem e manifestam sua sexualidade, suas identidades políticas, religiosas e de gênero, além de como lidaram com o processo de silenciamento de suas memórias subalternas.

Os conceitos e categorias de análise utilizados no presente artigo são: gênero, na perspectiva de Joan Scott (1995), que entende o termo como algo constitutivo das relações sociais que estão baseadas nas relações entre os sexos, tornando-se assim uma forma primária de dar significado às relações de poder. A autora vai ressaltar também

que os modos como as sociedades representam o gênero servem para formar regras de relações sociais. Scott nos mostra como tudo faz parte de uma construção do gênero, segundo ela:

[...] o mercado de trabalho (um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte da construção de gênero), a educação (as instituições de educação somente masculinas, não mistas, ou de co-educação fazem parte do mesmo processo), o sistema político (o sufrágio universal masculino faz parte do processo de construção de gênero) (SCOTT, 1995, p. 87).

Outro conceito é o de representação, de Roger Chartier (1990), que utiliza essa categoria para pensar os modos como um indivíduo ou um grupo social constrói significados no mundo social. O autor também ressalta que a construção das identidades sociais é resultado de uma relação entre as representações daqueles que detém o poder e a aceitação ou resistência de uma comunidade.

A história do tempo presente também será levada em consideração nessa pesquisa, já que o tema é bastante atual e que essa abordagem valoriza os atores individuais, enfatizando a relação entre história e memória. Para isso, a perspectiva teórica usada será a de François Dosse (2012) que compreende a história do tempo presente como um meio termo entre passado e presente, além de ressaltar que mesmo que o historiador se disponha a fazer uma história de um passado longínquo, ele parte das questões contemporâneas.

Ao se alongar nessas questões o autor vai citar Lucien Febvre, lembrando que o homem não se lembra do passado, ele busca “reconstruí-lo” partindo do presente, pois é no presente que o passado é interpretado. Nesse artigo a história do tempo presente se faz necessária uma vez que, embora as memórias dos ex-umapianos tenham encontrado maior espaço para serem contadas no tempo presente, ou seja, a partir de 2007, as UMAPs existiram de 1965 a 1968, o que pode nos levar a pensar em dois contextos distintos: o do momento em que as experiências ocorreram e aquele em que elas foram narradas. Sobre isso, Dosse pontua que “A noção de “tempo presente” se torna nesse contexto um meio de revisitação do passado e de suas possíveis certezas, como também as possíveis incertezas”.

Com isso na análise das fontes, priorizou-se um método investigativo que leve em consideração a análise dos testemunhos e de memórias subalternas que têm nos blogs seus canais principais de expressão. A virtualização possibilita a difusão das memórias subterrâneas. De acordo com Pollak (1989) – que entende a memória não apenas como um fenômeno individual, mas, sobretudo, como algo também coletivo e que sofre flutuações com o tempo e de acordo com as disputas de poder em torno dela –, é preciso considerar as condições que explicam o silenciamento e também a sobrevivência e a transmissão das memórias marginalizadas, afinal

A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra

oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (POLLAK, 1989, p. 2).

Pollak utiliza-se da história oral como uma forma de proporcionar voz aos indivíduos e memórias silenciados. A abordagem da história oral também nos proporciona a problematização das memórias, levando em consideração não somente o relato do indivíduo, mas também o contexto como um todo. Para a análise dos testemunhos nos blogs, essa relação entre o fato evocado e o modo como ele é narrado foi levada em consideração.

É interessante ressaltar que a transmissão dessas memórias também contribui para formar identidades, pois, segundo o autor Joel Candau (2018), “transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo” (CANDAU, 2018, p.118).

O corpus documental principal do presente artigo é composto por notícias e artigos que podem ser encontrados em blogs de dissidentes cubanos e em jornais online. Esse conjunto documental compreende o período de 2007 a 2019. As notícias selecionadas têm como principal tema a perseguição política, religiosa e contra homossexuais em Cuba durante o período de vigência das UMAPs. A princípio foram selecionados dois blogs e dois jornais principais para essa pesquisa: os blogs *Generación Y*, de Yoani Sanchez; e *Desde Aquí*, de Reinado Escobar; e os jornais *14ymedio* – onde o *Generación Y* e, o *Desde Aquí* estão localizados – e *Diário de Cuba*, que contam com contribuições de diversos autores.

Os depoimentos encontrados na blogosfera cubana são de indivíduos que tiveram uma participação ativa durante os anos de existência das UMAPs, ou seja, ou foram internos, ou familiares dos internos dessas unidades ou foram críticos das práticas repressivas implantadas pelo governo revolucionário.

O processo de análise é fundamentalmente qualitativo e, apesar de levar em conta alguns dados quantitativos, visa sempre uma observação crítica e interpretativa dos conteúdos presentes nos blogs e nas fontes audiovisuais.

Assim sendo, é necessário pontuar que a análise de blogs ainda é algo relativamente novo para a historiografia. Por essa razão, houve dificuldade em encontrar textos históricos que tratem da pesquisa em blogs. Com isso, para a análise dos blogs, foram utilizadas referências da área de Comunicação, como o texto de Maria das Graças Targino (2013), que ressalta que a tecnologia depende dos usos que dela são feitos e das construções de sentido ao seu redor. Nesse sentido é preciso pensar que a blogosfera tem diversos usos, por exemplo, ela pode servir para dar voz a pessoas que são contra o regime cubano, mas também pode servir para legitimar o governo cubano.

Em seu texto José Luis Orihuela (2007) busca fazer um panorama geral de como os blogs se constituem em uma comunidade e como eles se tornaram importantes

fontes de pesquisa. O autor ainda destaca os fatores que levam os indivíduos a escreverem em blogs, apontando, por exemplo, “necessidade de expressão, desejo de compartilhar saberes, desejo de se integrar em uma comunidade, busca de reconhecimento, exploração criativa, terapia, participação política, defesa de interesses ou mera exposição” (ORIHUELA, 2007, p. 7).

Para a análise dos blogs foram usadas também referências na área de História que tratam sobre a imprensa, com o intuito de ajudar na análise desse tipo de material, uma vez que ambas as fontes são semelhantes em alguns aspectos. Renée Barata Zicman (1985) vai abordar questões como as vantagens de se ter esse tipo de corpus documental e os problemas metodológicos desse tipo de fonte, ressaltando a importância de um método de análise de conteúdo caracterizado por “técnicas e instrumentos metodológicos capazes de efetuar a exploração objetiva de dados informacionais ou ‘discursos’, fazendo aparecer no conteúdo das diversas categorias de documentos escritos”(ZICMAN, 1985, p. 94).

Em perspectiva semelhante, outro texto que contribui com o este artigo é o das autoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto (2007), que buscam problematizar os usos que os historiadores fazem da imprensa como fonte de pesquisa, apontando contribuições para as discussões teórico-metodológicas voltadas para o tratamento desse tipo de fonte. Sugerem que nesses procedimentos teórico-metodológicos busque-se analisar o material da imprensa junto ao estudo do campo das lutas sociais e não como se os dois fossem descolados. Para as pesquisadoras, compreender a imprensa requer que se considere que ela tem uma

[...] linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe (CRUZ, PEIXOTO, 2007, p. 258).

Este artigo está estruturado em duas partes. Na primeira é discutido a que tipo de práticas que os ex-internos das UMAPs foram submetidos, procurando compreender quais características marcaram esse processo e como os ex-umapianos expõem seus testemunhos. A segunda seção busca tratar as formas de resistência que os ex-internos dessas unidades encontravam para não serem submetidos aos maus tratos. É necessário ressaltar que o presente estudo sobre as Unidades Militares de Ajuda a Produção (UMAPs) espera representar uma pequena contribuição para a ampliação do conhecimento acerca desse tema, que é ainda relativamente pouco explorado pela historiografia.

## **A repressão aos homossexuais no período de 1965 a 1968**

Durante o processo revolucionário surge em Cuba o ideal de homem novo que estava associado a valores de coragem, honra e martírio, características que deveriam estar presentes em cada guerrilheiro revolucionário. O ideal de “homem novo”, de

acordo com Luiz Bernardo Pericás (1998), para Che Guevara baseava-se na realidade cubana, onde os indivíduos guerrilheiros disputariam as tarefas mais perigosas só pela satisfação de dever cumprido, defendendo as massas populares e fazendo sacrifícios durante os períodos críticos da revolução. Para ele, "O homem, no socialismo, apesar de sua aparente padronização, é mais completo; apesar da falta do mecanismo perfeito para isso, sua possibilidade de se expressar e se fazer sentir no aparato social é infinitamente maior" (GUEVARA, 1965)<sup>3</sup>. Esse ideal ajudou na construção de estereótipos para aqueles que nele não se encaixavam, sendo assim considerados como sexualmente "desviados".

É importante ressaltar que as formas de perseguição homossexual, ou preconceito sexual, não se iniciam após a instauração da revolução, bem como que a cultura machista não surge em Cuba com o ideal de "homem novo". Anteriormente à revolução ou a esse ideal já existiam machismo e homofobia na ilha caribenha. Esse ideal vai apenas contribuir para reforçar estereótipos, como o de homem viril, que conseqüentemente vai gerar uma intensificação da perseguição àqueles homens que estavam fora dos "padrões".

No caso cubano o ideal de "homem novo" está associado a algo mais amplo, que vai além de um ideal cunhado somente para a perseguição daqueles que não se encaixavam no perfil de homens "machos" e "viris", pois, segundo o historiador Abel Sierra Madero,

[...] esse conceito esteve associado a um campo ideológico mais amplo de homogeneização social no qual a moda, as práticas urbanas de sociabilidade, os credos religiosos e a atitude perante o trabalho foram elementos chaves para harmonizar com a visão normativa oficial. Daí que não seja estranho que às UMAP fossem enviados, além de homossexuais, delinquentes, religiosos, intelectuais ou simplesmente meninos de ascendência burguesa. (MADERO, 2016)<sup>4</sup>

Falar de homem novo somente tratando de seu lado "ético" e "espiritual" em uma nação que necessitava de um rápido desenvolvimento das forças produtivas, diversificação agrícola e industrial em um período curto de tempo, é um desvirtuamento de seu sentido mais universal, de acordo Luiz Bernardo Pericás (1998), que entende que desvincular o conceito de "homem novo" dos elementos políticos e culturais nos quais ele foi imbuído demonstra falta de um conhecimento mais profundo sobre o assunto, que é tão vasto e importante.

<sup>3</sup> "El hombre, en el socialismo, a pesar de su aparente estandarización, es más completo; a pesar de la falta del mecanismo perfecto para ello, su posibilidad de expresarse y hacerse sentir en el aparato social es infinitamente mayor" (GUEVARA, 1965).

<sup>4</sup> [...] ese concepto estuvo asociado a un campo ideológico más amplio de homogeneización social en el que la moda, las prácticas urbanas de sociabilidad, los credos religiosos y la actitud ante el trabajo fueron elementos claves para armonizar con la visión normativa oficial. De ahí que no resulte extraño que a las UMAP fueran enviados, además de homosexuales, delincuentes, religiosos, intelectuales o simplemente muchachos de ascendencia burguesa. (MADERO, 2016)

Quando o líder máximo da revolução Fidel Castro, profere seu discurso de 13 de março de 1966, fica evidente esse caráter ideológico, político e moralista que busca, em certa medida, legitimar a criação das UMAPs, menospreza as diferentes sexualidades, apontando esses indivíduos, como problemas da revolução.

E o nosso problema com estes senhores tem de ser resolvido de forma simples. São algumas dezenas. Dessas poucas dezenas, alguns terão que ir à prisão por delito de tipo comum, simplesmente por desfalque, uso indevido de fundos; outros terão que ir ao Serviço Militar; outros terão que ir à UMAP, Unidades Militares de Ajuda à Produção; e outros terão que ir a centros de reabilitação de acordo com as disposições do Código de Defesa Social (Aplausos). (CASTRO, 1963)<sup>5</sup>

De acordo com a *Comisión Interamericana de Derechos Humanos*, o Código de Defesa Social definia como crime político uma ação que “ofende um direito ou um interesse político do Estado, ou um direito político dos cidadãos”<sup>6</sup>. No entanto ela garantia também proteção contra prisões arbitrárias, direito à liberdade de pensamento, direito à vida e à liberdade, dentre outras garantias. Mesmo com esses direitos registrados e a definição de crime político posta, os direitos humanos em Cuba, segundo o documento da *Comisión Interamericana de Derechos Humanos*, sofreram diversas violações. Segundo o documento,

Desde a sua criação, a Comissão recebeu numerosas comunicações que denunciavam diversos atos que violavam os Direitos humanos na República de Cuba. A fim de facilitar o conhecimento das mesmas pela Comissão, o Secretariado classificou-as em gerais e específicas, tendo em conta, para isso, se as comunicações recebidas continham meramente uma relação de tipo geral sobre violações de direitos humanos ou se, pelo contrário, se referiam a feitos concretos sobre a violação de um direito contra um indivíduo ou um grupo de pessoas. (COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS, acesso 17 jul. 2020)<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Y nuestro problema con estos señores tenemos que resolverlos sencillamente. Son unas pocas decenas. De esas pocas decenas, unos tendrán que ir a la cárcel por delito de tipo común, sencillamente por desfalco, uso indebido de fondos; otros tendrán que ir al Servicio Militar; otros tendrán que ir a la UMAP, Unidades Militares de Ayuda a la Producción; y otros tendrán que ir a centros de rehabilitación de acuerdo con las disposiciones del Código de Defensa Social (Aplausos). (CASTRO, 1963)

<sup>6</sup> “ofende un derecho o un interés político del Estado, o un derecho político de los ciudadanos”

<sup>7</sup> Desde su establecimiento, la Comisión recibió numerosas comunicaciones en que se denunciaban diversos actos violatorios de los derechos humanos en la República de Cuba. Con el fin de facilitar el conocimiento de las mismas por parte de la Comisión, la Secretaría las clasificó en generales y específicas, teniendo en cuenta para ello si las comunicaciones recibidas contenían meramente una relación de tipo general sobre violaciones de derechos humanos o si, por el contrario, se referían a hechos concretos sobre la violación de un derecho en contra de un individuo o un grupo de persona. (COMISIÓN INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS, acceso 17 jul. 2020)

Ainda a respeito das pessoas tidas como “moralmente desviadas”, Fidel Castro vai ressaltar que, se necessário fosse, o sangue deles deveria ser derramado, afinal

[...] quando não houver mais remédio senão derramar o sangue de muitos mosquitos, ou muitos vermes, pois então derramemos o sangue dos vermes. Porque se estamos em defesa da Revolução dispostos a derramar o sangue dos revolucionários, não hesitaremos em derramar o sangue dos nossos inimigos quando as circunstâncias o exigirem. (Aplausos). (CASTRO, 1963).<sup>8</sup>

Outra questão que pode ser observada em relação à criação das UMAPs é a tentativa do governo de apontar os indivíduos internos das unidades como traidores de sua nação, como pondera George L. Mosse, a revolução precisava identificar inimigos capazes de se sustentar além do tempo. Com isso Abel Sierra aponta que “[...] judeus, homossexuais, prostitutas, delinquentes, burgueses, fizeram parte da clínica e do panóptico moderno, na medida em que se encaixaram não só na categoria de doentes sociais, mas também na de inimigos políticos”. (MADERO, 2014).<sup>9</sup>

Essa criação de inimigos fica clara quando, no artigo intitulado *El silencio que no entierra a las UMAP* (UMAPCUBA1965, acesso jul. 2020), o ex-oficial das UMAPs, sargento Luis Manuel Castellanos Fernández ressalta que

Que era duro o trabalho? Claro que era duro! Que na época havia um conceito de que havia de reabilitá-los porque eram um potencial para que o imperialismo norte-americano e seus agentes internos os utilizassem como terreno fértil para alimentar a contra-revolução interna e a quinta coluna aqui? Bem, também. (UMAPCUBA1965, acesso Jul. 2020)<sup>10</sup>

As questões apontadas acima podem ajudar a pensar como a perseguição aos homossexuais se dava no período em que as UMAPs existiram. A partir da análise das notícias e testemunhos veiculados em blogs e jornais, fica evidente que as memórias desse período ainda constituem um campo de disputas, no qual, por um lado, os reprimidos com as políticas buscam responsáveis e meios de contar suas histórias e, por outro lado, o discurso oficial busca defender e minimizar a relação que os líderes da revolução tiveram com as Unidades Militares de Ajuda à Produção.

<sup>8</sup> [...] cuando no quede más remedio que derramar la sangre de muchos mosquitos, o muchos gusanos, pues entonces derramemos la sangre de los gusanos. Porque si estamos en defensa de la Revolución dispuestos a que se derrame la sangre de los revolucionarios, no vacilaremos en derramar la sangre de nuestros enemigos cuando las circunstancias lo exijan. (Aplausos). (CASTRO, 1963)

<sup>9</sup> “[...] judíos, homosexuales, prostitutas, delinquentes, burgueses, han formado parte de la clínica y el panóptico moderno, en la medida en que han encajado no sólo en la categoría de enfermos sociales, sino también en la de enemigos políticos”. (MADERO, 2014)

<sup>10</sup> ¿Qué era duro el trabajo? ¡Claro que era duro! ¿Qué en ese momento había un concepto de que había que rehabilitarlos porque eran un potencial para que el imperialismo norteamericano y sus agentes internos los utilizara como caldo de cultivo para alimentar la contrarrevolución interna y la quinta columna aquí? Pues también. (UMAPCUBA1965, acesso jul. 2020)

A disputa por essas memórias fica evidente em alguns comentários das notícias analisadas, por meio dos quais alguns indivíduos buscam relatar seus sofrimentos ou o sofrimento de familiares como uma forma de denunciar arbitrariedades praticadas pelo governo. Segundo Michael Pollak (1989) a doutrinação ideológica faz com que as memórias por tanto tempo confinadas busquem maneiras de serem transmitidas de uma geração para outra. Esses modos de transmissão geralmente se dão de forma oral e no âmbito familiar, o que pode ser entendido como uma forma de resistência que a sociedade civil tem frente aos discursos oficiais.

Desse modo, convém examinar quais memórias se busca construir a partir dos testemunhos presentes nas notícias e também nos comentários veiculados em blogs e jornais on-line cubanos, bem como qual a força que os testemunhos e tais matérias ganham com o surgimento da blogosfera e dos jornais online na ilha.

É possível notar que as notícias analisadas neste artigo tratam tanto temas que rememoram o passado cubano – como a perseguição homossexual no período de existência das UMAPs – quanto temas mais recentes como as notícias que fazem críticas à Mariela Castro Espín, que é diretora do *Centro Nacional de Educación Sexual* (CENESEX), mas tende a defender incondicionalmente seu pai, Raúl Castro, e seu tio, Fidel Castro, quando se trata das UMAPs. No entanto, é importante ressaltar que tanto as notícias com temas atuais como as que abordam temas mais recuados no tempo trazem relatos e memórias da perseguição homossexual em diferentes décadas da história da revolução.

O escritor Antonio José Ponte (2014) vai analisar a visão de pesquisadores como Joseph Tahbaz, que desenvolveu uma pesquisa sobre as UMAPs, para compreender o que foram essas unidades. Antonio José Ponte comenta que, segundo Tahbaz (2013), em seu artigo *Demystifying las UMAP: The Politics of Sugar, Gender, and Religion in 1960s Cuba*, a questão umapiana é desconfortável para ambos os lados da política em Cuba, já que:

Por um lado, os de direita gostam de falar sobre a repressão em Cuba, mas não gostam de falar sobre os direitos dos homossexuais. Enquanto os de esquerda gostam de falar sobre os direitos dos homossexuais, mas evitam falar sobre os problemas em Cuba. E parece que entre esse cisma ideológico e o estigma contra a homossexualidade, a história das UMAP quase foi esquecida. (PONTE, 2014).<sup>11</sup>

Ponte traz em sua matéria diversos pontos do artigo de Tahbaz. Um deles diz respeito a quem eram os detentos dessas unidades. Além disso, ele também ressalta que essas unidades não eram coisas escondidas da população, pois o próprio Fidel

---

<sup>11</sup> Por un lado, a los de derecha le gusta hablar sobre la represión en Cuba, pero no les gusta hablar sobre los derechos de los homosexuales. Mientras que a los de izquierda les encanta hablar sobre los derechos de los homosexuales, pero evitan hablar de los problemas en Cuba. Y parece ser que entre este cisma ideológico y el estigma contra la homosexualidad, la historia de las UMAP casi ha sido olvidada. (PONTE, 2014).

Castro as menciona em reportagens, mas se referindo às UMAPs como algo necessário, ocultando a verdadeira natureza desses campos de trabalhos forçados.

Ainda de acordo com Ponte, Tahbaz aponta que as UMAPs foram estabelecidas na província de Camaguey e funcionaram de novembro de 1965 a julho de 1968. Um ponto interessante a se pensar é que, segundo o historiador, "Dois anos antes de serem internados os primeiros presos havia sido aprovada a Lei 1129 de Serviço Militar Obrigatório, que serviria como justificativa oficial: alegou-se que para lá iriam aqueles que não podiam cumprir o serviço militar regular" (PONTE, 2014)<sup>12</sup>.

Joseph Tahbaz busca ainda em seu artigo, segundo Ponte, mostrar como era feita a “coleta” dos internos e a quais práticas eles eram expostos. Segundo ele, os internos que mais sofreram abusos foram as Testemunhas de Jeová. Tahbaz afirma que,

Os presos trabalhavam longas jornadas na agricultura de segunda a sábado (desde o amanhecer até o anoitecer durante a safra açucareira), negavam-lhes a comida no caso de não cumprirem as cotas de produção, recebiam o mesmo pagamento dos mobilizados pelo Serviço Militar Obrigatório (7 pesos) e tinham livres aqueles domingos em que não fosse programado trabalho voluntário. (PONTE, 2014).<sup>13</sup>

Além de ressaltar os tratamentos horríveis aos quais os umapianos eram submetidos, Antonio José Ponte vai frisar que as UMAPs cumpriam também funções no âmbito político e ideológico, uma vez que

'A função vital das UMAP não era matar civis, mas aproveitar a força de trabalho das 'máculas sociais', sem preocupação alguma com seu custo humano', resume Tahbaz. Como seu estudo aponta, na Cuba dos anos 60 o trabalho não pago era a norma, não a exceção. Existia uma crescente falta de braços para o trabalho agrícola e tornaram-se imprescindíveis as mobilizações 'voluntárias' e a utilização nessas tarefas de soldados e de presos políticos. A aposta no açúcar, que teria seu auge em 1970, obrigou a procurar desesperadamente por força de trabalho. (PONTE, 2014).<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> “Dos años antes de que fueran internados los primeros reclusos había sido aprobada la Ley 1129 de Servicio Militar Obligatorio, que serviría como justificación oficial: se alegó que allá iban quienes no podían cumplir el servicio militar regular” (PONTE, 2014)

<sup>13</sup> Los reclusos trabajaban largas jornadas en la agricultura de lunes a sábado (desde el amanecer hasta el anochecer durante la zafra azucarera), se les negaba la comida en el caso de que no cumplieran las cuotas de producción, recibían el mismo pago de los movilizados por el Servicio Militar Obligatorio (7 pesos) y tenían libres aquellos domingos en que no fuese programado trabajo voluntario. (PONTE, 2014).

<sup>14</sup> ‘La función vital de las UMAP no era matar civiles, sino aprovechar la fuerza laboral de las 'lacras sociales', sin preocupación alguna por su costo humano’, resume Tahbaz. Como su estudio puntualiza, en la Cuba de los años 60 el trabajo impagado era la norma, no la excepción. Existía una creciente falta de brazos para el trabajo agrícola y se hicieron imprescindibles las movilizaciones ‘voluntarias’ y la

Essa função política e ideológica influenciada também pela maneira como a homossexualidade era taxada como doença, influenciou nas práticas de tratamento dos gays dentro das unidades, ou seja, havia uma tentativa de erradicação dessa “doença”, que era considerada evitável.

Tahbaz cita o seguinte testemunho do dramaturgo Hector Santiago: 'às vezes você era deixado sem água e sem comida por três dias enquanto te mostravam fotos de homens nus, e então eles lhe davam comida e mostravam fotos de mulheres. Se você não era diabético e te injetavam insulina, você entrava em choque, se urinava, se defecava, vomitava... descargas elétricas... perdia a memória, e dois ou três dias depois você não sabia quem era, estava catatônico e não conseguia falar'. (PONTE, 2014).<sup>15</sup>

Dentre os comentários dessa matéria, podemos destacar um no qual o indivíduo em questão relata como era a pressão exercida por parte dos governantes do exército para que aqueles “não aptos” fossem enviados às UMAPs. O relato desse sujeito nos mostra como o simples fato de ser homossexual poderia levar os indivíduos a esses campos.

Anônimo - 24 de fevereiro de 2014 – 05:26-tenho amigos que foram recolhidos em suas casas, ou seus trabalhos, ou ao sair da missa e levados manu militari (com uso de força militar) para um centro, de onde eram transferidos para Camagüey. No meu caso, devo dizer em honra à verdade que fui citado em uns deprimentes escritórios improvisados num campo desportivo ruinoso já naqueles anos, e ali submetido a um forte interrogatório que começou a desesperar os dois oficiais que se faziam de bom e mau (soube disso muito depois) pois não acabavam de encontrar as razões para que o CDR me denunciasse por vadiagem, já que tinha um tratamento médico rigoroso (tinha sofrido uma operação no cérebro e devia tomar anticonvulsivos) e claro, minha homossexualidade não era 'explícito' como exigia a lei, mas um discreto maneirismo que passava por uma boa educação obtida num colégio religioso. 'Vou consultar o seu caso com o capitão, espere um momento' e nesse instante soltei no tom mais neutro que consegui 'Tenente, descendemos diretamente de mambises, terá visto meu sobrenome; Celia nos disse que não seríamos incomodados'. Livrei-me de ir às UMAP, mas poucos meses depois fui enviado, a despeito de qualquer linhagem mambisa, para o SMO onde quase fiquei louco pelos maus tratos e abusos, que hoje compreendo ser próprio de qualquer

---

utilización en esas tareas de soldados y de presos políticos. La apuesta por el azúcar, que tendría su apogeo en 1970, obligó a buscar fuerza de trabajo desesperadamente. (PONTE, 2014)

<sup>15</sup> Tahbaz cita el siguiente testimonio del dramaturgo Héctor Santiago: 'A veces te dejaban sin agua y sin comida durante tres días mientras te mostraban fotos de hombres desnudos, y luego te daban comida y te mostraban fotos de mujeres. Si no eras diabético y te inyectaban insulina, entrabas en shock, te orinabas, te defecabas, vomitabas... Descargas eléctricas... Perdías la memoria, y dos o tres días después no sabías quién eras, estabas catatónico y no conseguías hablar'. (PONTE, 2014).

acampamento militar de recrutas. Se tivesse sido enviado para as UMAP, provavelmente ter-me-ia suicidado. (PONTE, 2014).<sup>16</sup>

É interessante ressaltarmos alguns pontos salientados pelo autor anônimo do comentário acima. O primeiro deles está atrelado ao forte interrogatório e à intimidação do indivíduo pelos oficiais, o que aponta para algumas das formas de tortura psicológica exercidas. O segundo ponto a ser destacado é como os padrões de tratamento eram diferentes conforme os homossexuais eram mais afeminados. Com isso, é possível atestar que a manifestação de suas preferências sexuais era ainda mais condenável, questão que se encontra associada ao ideal de “homem novo”, homem macho, e guerreiro revolucionário. O terceiro ponto que cabe destaque é como o indivíduo utiliza-se do prestígio de Célia Sanchez para livrar-se, mesmo que temporariamente, dos campos de trabalho forçado. Contudo, nesse caso, o uso do prestígio de uma pessoa importante para a revolução não o livrou de ser levado, tempos mais tarde, a um campo de recrutamento militar e de sofrer maus tratos.

Na matéria *Sin rostro ni obituario: los muertos de las UMAP* (ZAYAS, 2013), que fala sobre a história de Ramón Lamadrid, podemos observar outras formas de repressão que estão para além do âmbito psicológico. Além disso, a matéria busca questionar os métodos das UMAPs e a falta de documentação existente do período. Como podemos ver no título da matéria, que é uma crítica à tentativa de apagamento das mortes e dos indivíduos que passaram pelas UMAPs através do ocultamento de documentos. Segundo Manuel Zayas (2013), autor da matéria, Ramón Lamadrid foi um dos 30.000 jovens cubanos que foram enviados às UMAPs por ser considerado como um dos “desafetos pelo regime”.<sup>17</sup> Zayas também ressalta como o jovem morreu:

Ramoncito foi baleado ao sair da casa de sua mãe em Marianao, em 24 de janeiro de 1966. Os janízaros da polícia militar castrista atiraram-no e

---

<sup>16</sup> Anónimo - 24 de febrero de 2014 - 05:26 – Tengo amigos que fueron recogidos en sus casas, o sus trabajos, o al salir de misa y llevados manu militari para un centro, de donde eran trasladados para Camagüey. En mi caso, debo decir en honor a la verdad que fui citado a unas deprimentes oficinas improvisadas en un campo deportivo ruinoso ya en aquellos años, y allí sometido a un fuerte interrogatorio que comenzó a desesperar a los dos oficiales que hacían de el bueno y el malo (esto lo supe mucho después) pues no acababan de encontrar las razones para que el CDR me denunciara por vagancia, ya que tenía un tratamiento médico riguroso (había sufrido una operación en el cerebro y debía tomar anticonvulsivos) y claro, mi homosexualidad no era ‘ostensible’ como exigía la ley, sino un discreto amaneramiento que pasaba por una buena educación obtenida en un colegio religioso. ‘Voy a consultar su caso con el capitán, esperaré un momento’ y en ese instante le solté en el tono más neutro que pude conseguir ‘teniente, descendemos por línea directa de mambises, habrá visto mi apellido; Celia nos dijo que no seríamos molestados’. Me libré de ir a las UMAP, pero a los pocos meses fui enviado, a despecho de cualquier alcurnia mambisa, para el SMO donde casi me vuelvo loco por los malos tratos y los abusos, que hoy comprendo es propio de cualquier campamento militar de reclutas. De haber sido enviado a las UMAP seguramente me habría suicidado. (PONTE, 2014).

<sup>17</sup> “desafectos por el régimen”

agarraram-lhe o baixo ventre porque tinha fugido do campo de concentração da Umap em Camagüey alguns dias antes. (ZAYAS, 2013).<sup>18</sup>

Como Zayas expõe, ao governo cubano interessava manter os números de mortes, de suicídios, e de pessoas levadas a hospitais psiquiátricos em segredo, pois havia uma propaganda governamental que buscava apresentar esses campos de trabalho forçado como algo necessário. Assim, quando surgem relatos de que dentro dessas unidades homens estavam sendo torturados por sua orientação sexual, o governo cubano busca “punir” os oficiais responsáveis. No entanto, cabe aqui ressaltar que a punição para esses atos era somente a destituição do cargo que os oficiais exerciam.

Outras notícias também podem atestar as variadas formas de tortura, não apenas físicas como também psicológicas. Na matéria *Alicia y las UMAP* (WIRTH, 2013), é possível verificar como os jovens gays cubanos não eram sujeitos passivos em relação ao governo, uma vez que eles buscavam formas de escapar da repressão. Essa notícia, em linhas gerais, discute como Alicia Alonso, uma grande bailarina cubana, que tinha certa influência com os irmãos Castro, interveio algumas vezes para impedir que seus bailarinos fossem mandados para o serviço militar obrigatório. Isis Wirth, autora dessa notícia, antes de relatar dois casos de bailarinos que foram presos, Julio Medina e Lorenzo Monreal, relata sobre os campos de trabalhos forçados. Segundo ela, as condições de vida dos internos daquelas unidades eram promíscuas e aqueles que violavam as regras impostas ali eram submetidos a castigos e torturas de diversas formas. Ainda segundo Wirth, as revoltas não eram possíveis, pois a repressão ali exercida era implacável.

De acordo com Wirth, as condições de vida nas UMAPs eram deploráveis e a fuga, na sua visão, não era considerada possível. Diante disso, para escapar das torturas os detentos se machucavam com o intuito de:

[...] encontrar no hospital condições de vida mais clementes. Lá, um médico simpático poderia aceitá-los por um dia ou dois, antes de lhes enviar novamente para o trabalho. Os detidos procuravam então prolongar sua permanência no hospital, provocando-se infecções ou agravando suas próprias feridas. (WIRTH, 2013).<sup>19</sup>

A escritora Isis Wirth vai ressaltar também que nem mesmo os bailarinos do Ballet Nacional podiam escapar da repressão no período de 1965 a 1968. Por isso, a intervenção de Alicia Alonso “salvou” dois bailarinos das UMAPs. No entanto, cabe

<sup>18</sup> A Ramoncito le dispararon al salir de la casa de su madre en Marianao, el 24 de enero de 1966. Le tiraron y le agarraron el bajo vientre los jenízaros de la policía militar castrista porque se había fugado del campo de concentración de la UMAP en Camagüey unos días antes. (ZAYAS, 2013).

<sup>19</sup> [...] encontrar en el hospital condiciones de vida más clementes. Allí, un médico simpático podía aceptarlos por un día o dos, antes de reenviarlos al trabajo. Los detenidos buscaban entonces prolongar su estancia en el hospital, provocándose infecciones o agravando sus propias heridas. (WIRTH, 2013)

aqui ressaltar que a intervenção da grande bailarina de Cuba não se dá porque ela achava aqueles campos de trabalhos forçados injustos ou porque ela defendia a causa homossexual. A bailarina busca “resgatar” seus bailarinos porque sua empresa dependia deles, ou seja, ela tinha interesse que aqueles bailarinos dançassem. A escritora ressalta tal ponto:

Inevitavelmente, alguns dançarinos arriscavam ser contemplados nessas convocações. Quando Alicia Alonso interveio para que fossem dispensados do serviço militar, ela não havia apenas argumentado que havia poucos dançarinos clássicos na Ilha e que não era fácil substituí-los, já que uma nova geração ainda estava se formando na Escola Nacional de Balé. Ele também havia insistido no fato de que essa escola inculcava em seus alunos os "novos valores" para criar não apenas o 'homem novo', mas também o 'dançarino novo', viril e libertado das 'pragas do passado'. Dito de outra forma, um dançarino heterossexual e machista. (WIRTH, 2013).<sup>20</sup>

Ainda nessa notícia, afirma-se que em virtude de não poder contar com o apoio de Alicia em relação às questões homossexuais, ou seja, por não saber por quanto tempo a “proteção” de Alicia teria efeito, grande parte dos bailarinos resolve fugir na primeira apresentação internacional que eles fazem em Paris.

### **As formas de resistências nas UMAPs (1965 – 1968), e o discurso oficial.**

Em sua matéria, destacada no tópico acima, Isis Wirth vai apontar que as fugas dentro dessas unidades não eram possíveis, no entanto a visão de Wirth sobre as fugas pode ser equivocada, como já foi enfatizado nesse artigo, há relatos de ex-internos que falam que alguns conseguiram fugir dessas unidades e não ser capturados novamente. Porém, aqueles que tentavam fugir e eram capturados novamente eram submetidos a castigos severos e até mesmo à morte, como podemos observar no trecho do artigo *Campos de Concentración* (UMAPCUBA1965, acesso jan. 2020). Sobre as fugas “bem sucedidas”, afirma-se que

[...] Em dezembro realizaram-se várias fugas, entre outras, as de Joe travesso e Gustavo 'Tavito', - um surdinho (sic) filho de um médico -, ambos de Guines, capturados lhes administraram espancamentos e punições. Caballo Loco (Cavalo Louco), - um preso político trazido da Cabana -, aconselhava não ir em direção a Havana, mas ao Oriente, tentou e nunca voltou. Miguelito Díaz,

---

<sup>20</sup> Inevitablemente, algunos bailarines se arriesgaban a ser contemplados en esas convocatorias. Cuando Alicia Alonso intervino para obtener que fuesen dispensados del servicio militar no solo había argumentado que existían pocos bailarines clásicos en la Isla y que no era fácil reemplazarlos, dado que una nueva generación estaba aún formándose en la Escuela Nacional de Ballet. También había insistido en el hecho de que esa escuela les inculcaba a sus alumnos los "nuevos valores" para crear no solamente el 'hombre nuevo' sino también el 'bailarín nuevo', viril y liberado de las 'plagas del pasado'. Dicho de otra manera, un bailarín heterosexual y machista. (WIRTH, 2013)

estudante da Baía Funda, chegou à Flórida. (UMAPCUBA1965, acesso jan. 2020).<sup>21</sup>

Sobre as fugas que não ocorriam como planejado e os internos eram encontrados, ressalta-se no artigo que:

Uma fuga terminou em tragédia, ao serem detectados pelos oficiais e guardas que os procuravam; os fugitivos se esconderam em um campo de Cana próximo à linha do trem, entre os trilhos 5 e 29. Cercados, os lacaios atearam fogo ao campo, o calor e o fogo os obrigaram a sair para o aterro ao lado da linha. Um trem de transporte de canas que retornava a Jaronú de Cunagua, estava detido pelos guardas, ao sair e à vista da tripulação os fugitivos foram abatidos pelos tiros. (UMAPCUBA1965, acesso jan. 2020).<sup>22</sup>

Um ex-soldado dessas unidades que concede uma entrevista a *Raúl Soroa* (UMAPCUBA1965, acesso maio. 2020), também fala sobre as fugas que ocorriam nos campos de trabalho forçado. Segundo ele,

Os confinados tentavam fugir constantemente, mas eram perseguidos pelos LCB (unidades especiais de Luta Contra Bandidos). Capturados, eram submetidos a bárbaros castigos. Os camponeses, influenciados pela propaganda oficial, negavam ajuda aos 'criminosos' fugitivos e os entregavam às autoridades. Outra via de 'fuga' eram as automutilações. Cortavam-se os tendões da mão com o facão, amputavam-se membros. Muitas vezes solicitavam esse 'serviço' ao seu companheiro de trabalho. Havia um grupo de confinados aos que chamavam de 'os cirurgiões', que cortavam seus correligionários a pedido destes, desesperados por escapar daquele inferno por uma hora, um dia, o que fosse. Os suicídios também eram abundantes. (UMAPCUBA1965, acesso maio. 2020).<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> [...] En diciembre se realizaron varias fugas, entre otras, las de Joe Travieso y Gustavo 'Tavito', -un sordito hijo de un medico-, ambos de Guines, capturados les propinaron golpizas y castigos. Caballo Loco, -un preso político traído de la Cabaña-, aconsejaba no ir en dirección a la Habana sino a Oriente, lo intento y nunca regreso. Miguelito Díaz, estudiante de Bahía Honda, llego a la Florida. (UMAPCUBA1965, acesso jan. 2020).

<sup>22</sup> Una fuga terminó en tragedia, al ser detectados por los oficiales y guardias que los buscaban; los fugados se escondieron en un campo de caña próximo a la línea del tren, entre las pesas 5 y 29. Cercados, los esbirros dieron candela al campo, el calor y el fuego los obligo a salir al terraplén junto a la línea. Un tren de transporte de cañas que regresaba a Jaronú desde Cunagua, estaba detenido por los guardias, al salir y a la vista de la tripulación los fugados fueron abatidos por los disparos. (UMAPCUBA1965, acesso jan. 2020).

<sup>23</sup> Los confinados intentaban fugarse constantemente, pero eran perseguidos por los LCB (unidades especiales de Lucha Contra Bandidos). Capturados, eran sometidos a bárbaros castigos. Los campesinos, influenciados por la propaganda oficial, les negaban ayuda a los 'delincuentes' fugados, y los entregaban a las autoridades. Otra vía de 'escape' eran las auto mutilaciones. Se cortaban los

Diante do exposto, pode-se constatar que a automutilação também era vista como uma possibilidade, encontrada pelos internos daquelas unidades, de fugir dos abusos sofridos. Era, portanto, uma forma de resistência. Já o suicídio, poderia ser visto como uma “fuga” da vida, um modo de sair daquela situação, uma maneira de não se expor mais aos abusos e tratamentos desumanos.

Convém destacar que há um interesse por parte das “fontes oficiais” de mudar o olhar sobre as UMAPs ou sobre os responsáveis por elas, Mariela Castro Espín, apesar de admitir o caráter arbitrário das unidades, tenta a todo momento defender seu tio Fidel Castro e seu pai Raúl Castro, apontando-os como indivíduos que levaram os problemas da revolução nas costas, tirando dessa forma qualquer culpa que Fidel tem em relação às UMAPs. Sobre Fidel Castro, ela ressalta:

'Por seu cargo, ele considera que deve assumir a responsabilidade por tudo o que aconteceu em Cuba, tanto os aspectos positivos quanto os lados negativos', mas isso 'nem é justo nem se aproxima da verdade histórica', diz ele (DDC, 2013).<sup>24</sup>

'Na verdade, o único vínculo de Fidel Castro com as UMAP foi quando decidiu fechá-las, após os numerosos protestos que emanavam da sociedade civil, e após a investigação realizada pela direção política das Forças Armadas', diz. (DDC, 2013).<sup>25</sup>

E quanto a seu pai, Raul Castro, afirma:

'Ele me explicou que era extremamente difícil eliminar os preconceitos sem uma política de educação. Por outro lado, o universo militar continua a ser hoje muito machista em Cuba. Infelizmente, é notório que, nas nossas sociedades, rejeitamos tudo o que é diferente. Imagine, então, o contexto dos anos 1960'. (DDC, 2013).<sup>26</sup>

---

tendones de la mano con el machete, se amputaban miembros. Muchas veces solicitaban ese ‘servicio’ a su compañero de faena. Existía un grupo de confinados a los que decían ‘los cirujanos’, que cortaban a sus correligionarios a solicitud de éstos, desesperados por escapar de aquel infierno una hora, un día, lo que fuera. También abundaban los suicidios. (UMAPCUBA1965, *acesso maio. 2020*).

<sup>24</sup> ‘Por su cargo, considera que debe tomar la responsabilidad de todo lo que ha ocurrido en Cuba, tanto los aspectos positivos como los lados negativos’, pero eso ‘ni es justo ni se acerca a la verdad histórica’, dice (DDC, 2013).

<sup>25</sup> ‘En realidad, el único vínculo de Fidel Castro con las UMAP fue cuando decidió cerrarlas, tras las numerosas protestas que emanaban de la sociedad civil, y tras la investigación que llevó a cabo la dirección política de las Fuerzas Armadas’, dice. (DDC, 2013).

<sup>26</sup> ‘Me explicó que era sumamente difícil eliminar los prejuicios sin una política de educación. Por otra parte, el universo militar sigue siendo hoy muy machista en Cuba. Lamentablemente es notorio que en nuestras sociedades rechazamos todo lo que resulta diferente. Imagínese entonces el contexto de los años 1960’. (DDC, 2013).

Tais defesas a seus familiares vão acarretar em uma série de críticas para a diretora do CENESEX, que muitas vezes não vai ser bem aceita dentro dos movimentos sexuais em Cuba. Contudo esse movimento em busca de modificar a imagem das UMAPs não é atual, uma vez que nos próprios anos de existência dessas unidades diversas matérias em jornais e revistas revolucionários buscaram atestar o caráter “positivo” desses campos de trabalho forçado.

Tal movimento para colocar as UMAPs como algo positivo iniciou-se quando Paul Kidd, um jornalista canadense, faz uma viagem não autorizada a Camaguey, passando-se por diplomata, consegue publicar fotos e relatos sobre o que eram aqueles campos. É nesse momento que a propaganda de caráter positivo sobre as UMAPs toma força. A revista das forças armadas cubanas, *verde olivo* começa a publicar os benefícios dos campos de trabalhos forçados com o intuito de dar um caráter positivo para essas Unidades e de se contrapor aos relatos de Paul Kidd. O periódico Granma publicou em abril de 1966 um artigo de Luis Báez, “*Unidades Militares de Ayuda a la Producción (UMAP)*”, que ressalta

[...] o sentido oficial que essas unidades militares tinham como uma solução para a inquietação da direção revolucionária sobre os jovens “deslocados”, que nem estudavam, nem trabalhavam, nem cumpriam o serviço militar obrigatório (SMO), considerado um honroso dever (ainda obrigatório para todos os homens cubanos que chegam aos 18 anos). (MARRERO, 2019, p. 103).<sup>27</sup>

É interessante notar que essas divergências sobre as UMAPs também ocorreram no campo intelectual, ou seja, havia diversas posições sobre essas unidades. Um bom exemplo disso são os posicionamentos divergentes de dois grandes intelectuais Graham Greene<sup>28</sup> e Mario Vargas Llosa<sup>29</sup>.

<sup>27</sup> [...] el sentido oficial que tenían estas unidades militares como una solución a la inquietud de la dirección revolucionaria sobre los jóvenes ‘desubicados’, que ni estudiaban, ni trabajaban, ni cumplían con el servicio militar obligatorio (SMO), considerado como un honroso deber (aún obligatorio para todos los varones cubanos que lleguen a los 18 años). (MARRERO, 2019, p. 103)

<sup>28</sup> Foi educado primeiramente na Grammar School de Berkhamsted, que era dirigida por seu pai. Em 1921, aos dezessete anos, fez um tratamento de psicoterapia em Londres, que durou sete meses, depois do qual passou a frequentar a escola durante o dia, ao mesmo tempo em que morava com a sua família. Depois, cursou o Balliol College, de Oxford. Em 1926 tornou-se editor assistente do *The Times*. No decorrer de sua carreira, a distinção entre romances de entretenimento e romances “sérios” atenuou-se, de modo que suas últimas obras, como *The Human Factor*, *The Comedians*, *Our man in Havana* e *The Quiet American* são uma mescla dos dois estilos. OS GRANDES ESCRITOS ANARQUISTAS. Vida e obra de Graham Greene. Disponível em: <[https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout\\_autor.asp&AutorID=263883](https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=263883)>. Acesso em: 27 out. 2019.

<sup>29</sup> Nasceu em 1936, é escritor peruano, considerado um dos maiores romancistas hispano-americanos de meados do século XX. Segundo o ECURED, reproduzindo a versão oficial do governo cubano, Vargas Llosa passou de uma posição de entusiasta da esquerda para uma posição mais conservadora anos depois, sendo apontado como um defensor do neoliberalismo e um opositor dos processos de mudanças

Greene sempre tendeu sua orientação política à esquerda, e no final da vida criticava ferrenhamente o imperialismo norte-americano, e apoiava Fidel Castro, que ele conheceu pessoalmente. Manuel Zayas (2012) vai destacar alguns posicionamentos do intelectual, que era um admirador da revolução, tendo escrito diversos textos que elogiavam o regime e o seu líder máximo. No entanto, após o advento das UMAPs, o Greene faz algumas críticas ao regime no seu artigo “*Lights and shadows in Cuba*”, no qual ele trata da questão das UMAPs. É interessante ressaltar que, mesmo fazendo críticas, Greene não chama esses lugares de campos de concentração, e sim de campos de trabalho forçado, o que, segundo o autor da matéria, pode mostrar certa relutância ou medo do autor de criticar a revolução, uma vez que era amigo íntimo de Castro.

Outro intelectual crítico às UMAPs foi Mario Vargas Llosa, que nos primeiros momentos era abertamente apoiador da revolução, mas que vai criticar a revolução a partir do momento em que descobre a existência das UMAPs, não se preocupando como Greene em “irritar” Fidel Castro e chamando abertamente essas unidades de campos de concentração.

Em uma entrevista com Vargas Llosa realizada por Yoani Sánchez (2014), que teria como foco principal discutir sobre a literatura, a democracia e a liberdade na América Latina e em Cuba, Llosa vai mencionar sobre a sua paixão por Cuba. No entanto o escritor vai discorrer também sobre como a Revolução Cubana teve um caráter ilusório no primeiro momento. Segundo ele, acreditava-se que a revolução

ele iria fazer as grandes reformas sociais, que iriam acabar com a injustiça e, ao mesmo tempo, permitir a liberdade, a diversidade, a criatividade e que não iria adotar a linha soviética do controle rigoroso de todas as atividades criativas e artísticas. (SÁNCHEZ, 2014)<sup>30</sup>

Em seguida, Llosa comenta sobre quando começa a ter dúvidas do caráter imparcial da Revolução. Ele vai dizer que na quarta vez que foi a Cuba assustou-se ao descobrir sobre a existência das UMAPs.

Das cinco vezes que fui a Cuba nos anos sessenta, a quarta vez coincidi com as Unidades Militares de Ajuda à Produção (UMAP) e foi um choque saber que haviam aberto praticamente campos de concentração onde levavam os dissidentes, os ladrões, os homossexuais, os religiosos. Fiquei muito impressionado, especialmente com o caso de um grupo que suponho que conheçam, El Puente (A Ponte). Eu conheci muitas das meninas e dos meninos

---

progressivas na América Latina. *Mario Vargas Llosa*. Disponível em: <[https://www.ecured.cu/Mario\\_Vargas\\_Llosa](https://www.ecured.cu/Mario_Vargas_Llosa)>. Acesso em: 20 jan. 2020.

<sup>30</sup> iba a hacer las grandes reformas sociales, que iba a acabar con la injusticia y al mismo tiempo iba a permitir la libertad, la diversidad, la creatividad y que no iba a adoptar la línea soviética del control estricto de todas las actividades creativas y artísticas. (SÁNCHEZ, 2014)

que integravam aquele grupo, havia entre eles lésbicas e gays, mas todos eram revolucionários, absolutamente identificados com a Revolução. Muitos deles foram para os campos de concentração, onde houve até suicídios. (SÁNCHEZ, 2014)<sup>31</sup>.

Llosa comenta que diversos jovens, mesmo sendo revolucionários, foram mandados para as UMAPs, onde cometeram suicídio. O pensamento suicida dentro desses campos de trabalho forçado não era algo incomum. Ele podia ser uma forma encontrada de acabar com aquele sofrimento ou de não ser submetido a outras formas de tortura.

O autor Joseph Tahbaz (2013) ressalta em seu texto que há relatos de ex-internos que viram outros internos gays se enforcarem dentro das UMAPs, e refere-se ao ex-interno José Blanco, que foi para as UMAPs por admitir que considerava a possibilidade de emigrar de Cuba, que também lembrou de casos de ex-internos não homossexuais que tentaram cometer suicídio.

Sobre as formas de tortura, Abel Sierra (2016) vai ressaltar que elas variavam entre castigos físicos e psicológicos. Segundo o pesquisador:

As punições nas UMAP podiam variar de insultos verbais a maus-tratos físicos e tortura. Vários dos meus entrevistados afirmam que uma das modalidades de punição empregadas por alguns oficiais consistia em enterrar o confinado em um buraco e deixá-lo com a cabeça para fora por várias horas. Alguns eram introduzidos em um tanque de água até que eles perdessem a consciência, outros eram amarrados a uma vara ou a uma cerca e deixados durante a noite a céu aberto para serem presas de mosquitos. De acordo com Héctor Santiago, essa modalidade de punição foi chamada de 'El Palo' ("O pau"). (MADERO, 2016)<sup>32</sup>

Os castigos desumanos aplicados aos indivíduos que estavam como internos nas UMAPs não tinham a função de punir somente por punir, eles também tinham um caráter pedagógico, que ia além de corrigir a mera postura, gestos e trejeitos. Buscavam, segundo Madero, reintegrar essas forças e esses corpos no aparato

---

<sup>31</sup> De las cinco veces que fui a Cuba en los años sesenta, la cuarta vez coincidí con las Unidades Militares de Ayuda a la Producción (UMAP) y fue un choque saber que se habían abierto prácticamente campos de concentración donde llevaban a los disidentes, los ladrones, los homosexuales, los religiosos. Me impresionó mucho especialmente por el caso de un grupo que supongo conozcan, El Puente. Muchas de las chicas y de los chicos que integraban aquel grupo yo los conocí, había entre ellos lesbianas y gays, pero todos eran revolucionarios, absolutamente identificados con la Revolución. Buen número de ellos fue a esos campos de concentración, donde hubo hasta suicidios. (SÁNCHEZ, 2014)

<sup>32</sup> Los castigos en las UMAP podían ir desde los insultos verbales hasta el maltrato físico y la tortura. Varios de mis entrevistados aseguran que una de las modalidades de castigo empleadas por algunos oficiales consistía en enterrar al confinado en un hueco y dejarlo con la cabeza fuera durante varias horas. A algunos los introducían en un tanque de agua hasta que perdieran la conciencia, a otros los ataban a un palo o a una cerca y los dejaban durante la noche a la intemperie para que fueran presa de los mosquitos. De acuerdo con Héctor Santiago, a esa modalidad de castigo se le llamó 'El palo'. (MADERO, 2016).

econômico, ou seja, explorar o trabalho dos indivíduos que eram considerados “não aptos” ao serviço militar.

## Considerações Finais

Nesse artigo buscou-se compreender a que tipos de práticas os ex-internos das Unidades Militares de Ajuda a Produção (UMAPs) foram submetidos, quais suas formas de resistência e quais os testemunhos deles acerca da temática. A análise se deu a partir de testemunhos veiculados em blogs e jornais on-line, no período compreendido entre 2007 e 2019, sobre a perseguição política, religiosa e contra os homossexuais em Cuba durante a vigência das UMAPs.

Diante das notícias analisadas, ficou nítido que os internos desses campos de trabalhos forçados sofreram diversas formas de tortura física e psicológica, as quais se distinguiam com base no ideal de homem novo. Os castigos impostos não tinham somente a intenção de punir, mas também continham um caráter pedagógico, além de explorar o trabalho dos indivíduos “não aptos”.

Os homossexuais sofreram torturas que visavam a “reintegração” daqueles indivíduos considerados “doentes” pela sociedade. Para isso, os detentos eram deixados sem água ou comida por dias, e eram utilizadas como forma de “cura” da homossexualidade técnicas de reforço positivo ou negativo. É possível notar ainda que a repressão aos homossexuais estava ligada ao ideal de homem novo, que visava forjar o revolucionário como um homem macho e viril. O que constata que a manifestação de suas preferências sexuais, ou de trejeitos que fugissem dos padrões do homem másculo e viril, eram considerados condenáveis.

No entanto cabe ressaltar que os sujeitos internos nas UMAPs não aceitaram passivamente as práticas repressivas a que foram submetidos, havia resistências e fugas. As formas de resistência dos umapianos foram as mais diversas: recusa de cumprimento das ordens que lhes eram dadas nas UMAPs, automutilação, fugas e até mesmo suicídio.

É importante salientar que décadas após o fechamento dessas unidades muitas das demandas dos homossexuais em Cuba ainda persistem, ainda que tenham existido alguns pequenos avanços, uma vez que, as sexualidades tidas como desviantes em Cuba – assim como acontece em vários outros países ao redor do mundo – ainda são alvos de muito preconceito, havendo muito ainda ser conquistado no que se refere aos direitos da comunidade LGBTQIA+<sup>33</sup>.

Diante dessas questões verificou-se que a memória do período de funcionamento das UMAPs ainda consiste em um campo de disputas e é alvo de processos de resignificação. De um lado, os indivíduos que passaram por essas experiências reivindicam essas memórias e buscam culpabilizar os responsáveis por suas vivências traumáticas. De outro lado o discurso oficial tenta justificar as UMAPs como algo

---

<sup>33</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexual, + utilizado para incorporar grupos e também variações de gênero e sexualidade.

necessário naquele momento, além de buscar isentar de culpa os principais líderes da revolução.

## Referências

CANDAU, Joël. O jogo social da memória e da identidade (1): transmitir, receber. In: *Memória e identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p.105-136.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre História e imprensa*. Projeto História, São Paulo, PUC-SP, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

DDC. *Mariela Castro dice que ha mentido y usado el nombre de su padre para defender a homosexuales* [06/02/2013]. Disponível em: <[http://archivo.diariodecuba.com/cuba/1360109986\\_2272.html](http://archivo.diariodecuba.com/cuba/1360109986_2272.html)>. Acesso em: 14 out. 2019.

DDC. *Mariela Castro vuelve a relativizar las UMAP y dice que 'no hay tanto racismo'* [16/08/2013]. Disponível em: <[http://archivo.diariodecuba.com/derechos-humanos/1376685399\\_4671.html](http://archivo.diariodecuba.com/derechos-humanos/1376685399_4671.html)>. Acesso em: 28 out. 2019.

GUEVARA, Ernesto Che. *El socialismo y el hombre en Cuba*. Discurso proferido em 12 de março de 1965. Disponível em: <<https://www.oceansur.com/catalogo/titulos/socialismo-hombre-en-cuba-folleto>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

MADERO, Abel Sierra. *Academias para producir machos en Cuba*. Letras libres, 21 jan. 2016. Disponível em: <<https://www.letraslibres.com/espana-mexico/politica/academias-producir-machos-en-cuba>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MADERO, Abel Sierra. *La política, la religión y el hombre nuevo: al habla con Carlos Manuel de Céspedes* [05/01/2014]. Disponível em: <[http://archivo.diariodecuba.com/cuba/1388872692\\_6561.html](http://archivo.diariodecuba.com/cuba/1388872692_6561.html)>. Acesso em: 28 out. 2019.

MARQUES, R. *A condição mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

ORIHUELA, José Luis. *Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade*. In: ORDUÑA, Octavio. I. Rojas; ALONSO, Julio; ANTÚNEZ, José Luis; ORIHUELA, José Luis; VARELA, Juan. *BLOGS: revolucionando os meios de comunicação*. São Paulo: Thomson Learning, p. 01-20, 2007.

PERICÁS, Luiz Bernardo. *Che Guevara e o Homem Novo*. In: COGGIOLA, Osvaldo (org). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Editora Xamã, 1998, p. 95-111.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PONTE, Antonio José. *Los Castros y los campos de concentración* [07/02/2013]. Disponível em: <[https://diariodecuba.com/cuba/1360209754\\_489.html](https://diariodecuba.com/cuba/1360209754_489.html)>. Acesso em: 14 out. 2019.

PONTE, Antonio José. *Qué fueron las UMAP* [23/02/2014]. Disponível em: <[https://diariodecuba.com/cuba/1393116891\\_7285.html](https://diariodecuba.com/cuba/1393116891_7285.html)>. Acesso em: 28 out. 2019.

SÁNCHEZ, Yoani. “*El mito de Cuba ya se ha despedazado en gran parte*” [14/07/2014]. Disponível em: <[https://www.14ymedio.com/entrevista/Mario\\_Vargas\\_Llosa\\_0\\_1596440346.html](https://www.14ymedio.com/entrevista/Mario_Vargas_Llosa_0_1596440346.html)>. Acesso em: 15 jan. 2020.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos; ARAS, Lina Maria Brandão. *Gênero e Revolução: o novo homem e a nova mulher na Revolução Cubana*. III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: olhares diversos sobre a diferença. João Pessoa- PB, 2011.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. *O local do testemunho*. Tempo e Argumento. Florianópolis, v.2, n.1, p.3-20, jan./jun. 2010.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

TAHBAZ, Joseph. *Demystifying las UMAP: The Politics of sugar, gender, and religion in 1960s Cuba*. 21 dec. 2013. Disponível em <<http://www1.udel.edu/LAS/Vol14-2Tahbaz.html>>. Acesso em: 03 dec. 2019.

TARGINO, Maria das Graças. *Blogs como instrumento de legitimação de lutas sociais em Cuba*. Informação & Informação, Londrina, v. 18, n. 3, p. 199-221, set. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel//index.php/informacao/article/view/15134>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

UMAP CUBA 1965. *El silencio que no entierra a las UMAP*. Disponível em: <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2016/04/06/el-silencio-que-no-entierra-a-las-umap/>>. Acesso em: 28 jan. 2020

UMAP CUBA 1965. *Campos de Concentración*. Disponível em: <<https://umapcuba1965.wordpress.com/campos-de-concentracion/>>. Acesso em: 28 jan. 2020

WIRTH, Isis. *Alicia y las UMAP* [31/03/2013]. Disponível em: <[http://archivo.diariodecuba.com/cultura/1364763335\\_2560.html](http://archivo.diariodecuba.com/cultura/1364763335_2560.html)>. Acesso em: 14 out. 2019.

ZICMAN, Renée Barata. *História através da imprensa: algumas considerações metodológicas*. Projeto História. São Paulo, PUC-SP, n. 4, p. 89-102, jun. 1985.

ZAYAS, Manuel. *Sin rostro ni obituario: los muertos de las UMAP* [06/05/2013]. Disponível em: <[http://archivo.diariodecuba.com/cuba/1367784014\\_3109.html](http://archivo.diariodecuba.com/cuba/1367784014_3109.html)>. Acesso em: 14 out. 2019.